

“Fogaça com Palavras”

Domitila de Carvalho

Apresentação de Ana Paula Portela

Boa noite mestre

Boa noite caros confrades amigos
Em primeiro quero elogiar a iniciativa da “
fogaça com palavras” alimentos do corpo
e do espírito.

Tão carente anda a nossa sociedade de
cultura que esta iniciativa realmente
estimulante e completa merece ser
destacada com muito apreço.

Como sabem o tema desta “ fogaça com
palavras” é “Domitila de Carvalho”.

O meu objetivo será atingido se, depois desta reunião, se sentirem mais próximos do
seu pensar e sentir e da referência que foi a sua vida no fim do séc. XIX e início do
século XX.

O mundo é feito de mudanças.

E em qualquer mudança há sempre um primeiro passo.

Esse tão aparente pequeno passo mas que é sempre um passo de gigante, porque
novo, porque desafio, vencedor de medos, lança uma pedra no desconhecido.

E, no campo feminino, tivemos aqui no nosso concelho essa força da mudança, essa
vontade de seguir um novo destino, tivemos a 1ª mulher licenciada em Portugal pela



Universidade de Coimbra e uma das pioneiras da luta pela emancipação e igualdade dos direitos sociais políticos das mulheres.

É certo que foi feirense por acidente, é certo que nunca aqui teve fortes raízes nem aqui regressou muitas vezes ao longo da vida, mas nem por isso deixará de ficar ligada pela história ao Concelho de Santa Maria da Feira, porque da sua biografia sempre constará que nasceu em Travanca da Feira (Aveiro) a 10 de abril de 1871. E tanto assim que dá nome a uma das artérias mais importantes da nossa cidade, paralela à Av. Francisco Sá Carneiro, a rua Domitila de Carvalho.

Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho nasceu em Travanca filha de um professor do ensino primário, e ficou órfã de pai com a idade de um ano.

Seguiu com a mãe para Castelo Branco mas terminou os estudos nos liceus de Bragança e Leiria tendo feito os exames finais com excelentes resultados em 1891.

Daí que, estimulada pelos professores e pela mãe, tenha requerido ao Reitor da Universidade de Coimbra a sua matrícula no curso de Matemática e se tenha tornado a primeira mulher a ser admitida na Universidade de Coimbra, onde se matriculou em



Outubro de 1891.

Como condição para a admissão, foi obrigada pelo reitor a trajar sempre de negro, com chapéu discreto e de um modo sóbrio, de forma a que não se evidenciasse entre os colegas masculinos, obrigatoriamente vestidos de capa e batina botoada.

Este acontecimento mereceu inúmeras referências elogiosas na imprensa da época, pelo facto pouco vulgar mas tão promissor para as outras mulheres.

E para ver a importância do facto basta atentar que se na Universidade de Londres já existia na altura igualdade de género no acesso à universidade desde 1878, em Oxford tal apenas ocorreu em 1920 e em Cambridge em 1947.

Também em Portugal só a partir de 1911 as mulheres foram autorizadas a trabalhar na administração pública, ano em que se instituiu a escolaridade obrigatória para ambos os sexos entre os 7 e os 11 anos.

E estamos em 1891!

Mas regressemos à nossa Domitila.

Conclui o curso de Matemática em 1894 e o de Filosofia em 1895 e concorre ao lugar de astrónoma no Observatório D. Luís I.

Mas o lugar não lhe é atribuído por ser mulher apesar de ter ficado em primeiro lugar. Decide então seguir Medicina que terminou em 1904 com 16 valores tendo como madrinha de doutoramento a rainha D. Amélia de Orleães que lhe custeou os estudos na Universidade de Coimbra e a quem ficou sempre devota.

Até 1896 era a única aluna da Universidade.

Terminado o breve passeio pelo seu fascinante currículo universitário vamos entrar



com a mesma grandiosidade na viagem daquilo que veio a ser a sua vida activa.

Foi uma mulher muito abrangente, dinâmica, independente, fortemente religiosa, muito frontal, que defendia os seus pontos de

vista muitas vezes incompreendidos, mas sempre atenta às desigualdades sociais e bem ciente do papel privilegiado da mulher para, através da família, mudar as mentalidades no sentido da igualdade dos sexos e construir a paz.

Deixou marcas e influências em várias áreas de interesse social desde a medicina à educação desde a política à literatura.

E, em tudo, está sempre presente a profundidade da sua convicção religiosa.

1_ Começamos pela vertente da escrita.

Desde muito nova que manifestou a sua veia literária com a publicação de sonetos.

Alguns desses poemas, reuniu-os depois em livros:

1º_ Em 1909 publica o livro “Versos” que foi escrevendo na juventude e que dedica à rainha D. Amélia;

2º_ Em 1919 publica o livro “O 30º dia do falecimento do Sr. Dr. Sidónio Paes “.

3º_ Em 1924 publica o livro “Terra de Amores”, que refletem saudades de Coimbra e do tempo em que lá viveu e estudou, dedicado à mãe.

4º_ Em 1930 publicou também “Lição às alunas do Liceu de Garrett Maria Amália Vaz de Carvalho ”, na qual faz a biografia desta escritora, poeta e ensaísta falecida em 1921.

5º_ Em 1957 publica o livro “Para o Alto!” que reflete a sua profunda fé.

Publicou nas revistas Sociedade Futura e Alma feminina essencialmente poemas, mas também um artigo de carácter científico.

Do livro “Terra dos Amores” escolho o soneto “Renúncia “ para vos ler que, a meu ver, reflete a profundidade da sua convicção religiosa.

Passo a vida a sentir a dor alheia.

E tão alto levanto a minha cruz,

Que não vejo ventura em que mais creia,

Nenhum bem, como este, me seduz.

Das visões do Além a alma cheia,

Entre sombras só vendo a intensa luz,

Vou seguindo no rastro duma ideia,

Olhos fitos nos olhos de Jesus.

Não há repouso algum que mais conforte

Do que a serena paz interior

De quem por amor d’Outrem renuncia

Se tinha de ser esta a minha sorte,
Seja feita a vontade do Senhor.
Bendita seja a Fé que me alumia.

2- Como médica exerceu clínica em Lisboa na Assistência Nacional aos Tuberculosos a convite da rainha D. Amélia.

Presta também serviço no Centro Materno-Infantil que foi depois a Maternidade Magalhães Coutinho e exerce, por pouco tempo, clínica privada num consultório no Rossio.

Daqui já se vê que não lhe foi muito fácil entrar , na época, no campo da Medicina , tendo a sua atividade sido reduzido aos Tuberculosos (e por convite da Rainha D. Amélia de quem foi também médica) e à área Materno-Infantil, área que na época sempre estaria mais próxima do lugar da mulher como esposa e mãe.

Na maternidade apercebe-se de problemas de saúde nas crianças resultantes de deficientes ou nulos cuidados das mães, e isso vai levá-la a proferir algumas conferências alertando para a necessidade de se educarem as mulheres na perspectiva de que elas são as primeiras educadoras e as melhores agentes de mudança.



Do mesmo livro Terra dos Amores escolhi o poema “

As Tísicas” que reflete como o contacto com a doença ,como médica, a sensibilizava.

Vejo-as perto de mim febris, curvadas
Ao peso dessa cruz que as vai minando
Como tristes, funérias badaladas
Vão as horas tristíssimas cantando.

Pela visão do longe apavoradas,

Começam a sentir de quando em quando
Sôbre as suas pupilas abrasadas
Vagas sombras, a morte anunciando.

Numa luta gigante, impiedosa
Grande orquestra de tosse cavernosa
Se eleva ao meu ouvido contrafeito.

E tristemente, e doloridamente,
Na agonia dum fim que se pressente,
Dobra a finados dentro do meu peito.

3_Mas é como Educadora o grande papel da sua vida.

Esteve ligada à criação da primeira escola secundária em Portugal para o sexo feminino, Liceu de D. Maria Pia, mais tarde Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho onde foi reitora desde a sua fundação em 23 de Fevereiro de 1906, até Novembro de 1912 e onde leccionou, desde a sua fundação até à aposentação, várias disciplinas mas a de Matemática até ao fim.

O seu grande objectivo era que, através da instrução, as jovens pudessem vir a ser respeitadas e livres e terem uma opção de vida e pensamento independentes.

E de que, como primeiras educadoras, as mulheres transformassem a sociedade esbatendo as diferenças sociais que as separavam dos homens.

Nas palavras de boas vindas às novas alunas, como primeira Reitora, está patente a convicção dessa oportunidade dada pelo estudo.

4_ Como conferencista realizou conferências sobre assuntos literários e de educação.

Apesar de nunca ter casado e não ter filhos, demonstrou grande interesse pelas questões infantis e pela problemática da família, proferindo, em Maio de 1936, uma conferência sobre o "Comunismo contra a infância", na qual defendeu o papel educativo da família e condenou o "fanatismo do Estado colectivista".

5_ Pertenceu a várias Organizações tendo sido membro destacado da organização dos Médicos Católicos Portugueses e de várias organizações ligadas à Igreja Católica e aos movimentos de beneficência , paz e feministas.

Foi eleita sócia correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e foi vogal do Conselho Superior de Instrução Pública.

Destaca-se também na Secção feminista da Liga Portuguesa da Paz, cuja sessão pública de constituição secretariou em 1906 e no cargo de Vogal do Comité Português da agremiação francesa La Paix et le Désarmement par les Femmes.

Acreditava muito no papel da mulher no estabelecimento da paz.

Em 1936 ocupou o cargo de vogal da direção da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN).

6- Como política era monárquica e conservadora mas, nem por isso, deixa de em 1909 assinar a lista dos defensores do divórcio, publicada no Jornal "O Mundo" e promovida pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas.

Contrariamente, em 1912, é duramente criticada pelas feministas porque recusa apoiar o sufrágio feminino.

As duas atitudes, apoiar o divórcio e não o fazer quanto ao sufrágio feminino, são determinadas pela independência que norteou o seu pensamento.

O divórcio permitirá às mulheres adquirirem a liberdade face a um casamento que não resultou mas só depois de instruídas e educadas elas poderão fazer uma opção livre e consciente, sem serem coagidas afectivamente a uma escolha.

E, pelos vistos, a seu ver, a mulher portuguesa em 1912 ainda não estaria preparada para fazer essa opção.

Em 1918 já apoia o sufrágio universal que veio a ser conseguido no âmbito da Presidência do seu muito amado Sidónio Pais, que restabeleceu as relações entre o Estado e a Igreja.

Desde o início apoiou os princípios político-ideológicos do Estado Novo e o salazarismo nascente.

Era grata a Salazar pela acção em prol da reconstrução do País, e aceitou "como um dever" o convite da União Nacional de representar as mulheres, pela primeira vez, como deputada na Assembleia Nacional em 1934.

Tinha 64 anos quando tomou posse do cargo de primeira deputada à Assembleia Nacional, durante duas legislaturas e ao lado de outras duas deputadas, Maria Baptista dos Santos Guardiola e Maria Cândida Parreira.

Estabeleceu o diálogo entre Salazar e a ex-rainha D. Amélia, com quem mantinha correspondência.

Na Assembleia Nacional interveio na questão da mortalidade infantil e esteve na origem da introdução de cursos de frequência obrigatória de higiene geral e de puericultura nos liceus e escolas do ensino secundário femininos.

Foi a favor da obrigatoriedade de afixação do crucifixo nas escolas primárias e contra



o ensino laico, responsável, segundo ela, pela desnatalidade que estava a assolar a Europa liberal.

Para refletir a sua vertente política , não tanto sobre as suas convicções, mas sobre a assunção dessa vertente, escolhi o poema dedicado à memória de Sidónio Pais.

Mas antes vou recordar para os mais esquecidos quem foi Sidónio Pais.

Sidónio Pais foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte , Ministro em vários governos desde 1911 e foi eleito Presidente da República, por sufrágio directo, em 9 de Maio de 1918 tendo sido assassinado em Dezembro do mesmo ano.

Conservador e Religioso surgiu como a esperança de uma alternativa à instabilidade que se seguiu à instituição do Regime Republicano de 5 de Outubro de 1910, nomeadamente as lutas entre o Governo e a Igreja Católica, assim como as divergências internas entre republicanos, maçons e carbonários.

Durante o pouco tempo em que foi Presidente da República, 7 meses, alterou a lei da separação entre a Igreja e o Estado, que deixou de ser laico, reatou as relações com a Santa Sé e declarou o sufrágio universal .

Passado o estado de graça, sucedem-se greves, contestações e tentativas de pôr fim ao regime.

Foi abatido a tiro, na Estação do Rossio, em 14 de Dezembro de 1918.

E já se percebe porque é que Domitila tinha por ele uma verdadeira admiração e afeição e que se reflete neste poema que escreveu no 30º dia após o seu assassinato.

Foi herói sobre a Terra e foi um santo.

“ Vai cumprir “ Deus lhe disse , “ os teus destinos

Enche de Luz a treva , enxagua o pranto

Veste a miséria e beija os pequeninos”.

E ungido por Deus , iluminado

na via dolorosa, ei-lo que passa

Pelo sonho de Jesus aureolado ,

Envolvido no sol da sua graça!

Para tornar mais leve a sua cruz ,

Acolhia sorrindo as pobrezinhas

E dizia as palavras de Jesus

“ Deixai vir até mim as criancinhas”.

Todas as mãos , quando por nós passava,

Se erguiam numa prece comovida

E cada boca , em reza murmurava

“ Dai-lhe vida, Senhor, que é a nossa vida”.

.....

Vai ungir-se o martírio tristemente ...

Em cada peito há soluço e reza .

Despedaça-se a alma de quem sente ,

Como só sente a alma portuguesa.

...

E as almas estão de luto amarguradas!

....

O´trágica epopeia soluçando!

Formidável poema alucinado

D`uma nação inteira ajoelhando
Em volta do seu corpo inanimado!

....

Chora o bronze sinistras badaladas

...

De Joelhos! Rezai! Que vae passando
o Santo que morreu crucificado!

Domitila faleceu em Lisboa, a 11 de Novembro de 1966.

Tinha 95 anos.

Obrigada